



Trabalho de recuperação- 3º trimestre

NOME:

TURMA:

DATA:

DISCIPLINA: LITERATURA

PROFESSOR (A):

A menina sem palavra

(segunda estória para Rita)

¹ A menina não palavreava. Nenhuma vogal lhe saía, seus lábios se ocupavam só em sons que não somavam dois nem quatro. Era uma língua só dela, um dialeto pessoal e **intransmível**? Por muito que se aplicassem, os pais não conseguiam percepção da menina. Quando lembrava as palavras ela esquecia o pensamento. Quando construía o raciocínio perdia o idioma. Não é que fosse muda. Falava em língua que nem há nesta atual humanidade. Havia quem pensasse que ela cantasse. Que se diga, sua voz era bela de encantar. Mesmo sem entender nada as pessoas ficavam presas na entonação. E era tão tocante que havia sempre quem chorasse.

² Seu pai muito lhe dedicava afeição e aflição. Uma noite lhe apertou as mãozinhas e implorou, certo que falava sozinho:

³ – *Fala comigo, filha!*

⁴ Os olhos dele deslizaram. A menina beijou a lágrima. **Gostoseou** aquela água salgada e disse:

⁵ – *Mar...*

⁶ O pai espantou-se de boca e orelha. Ela falara? Deu um pulo e sacudiu os ombros da filha. *Vês, tu falas, ela fala, ela fala!* Gritava para que se ouvisse. *Disse mar, ela disse mar*, repetia o pai pelos aposentos. Acorreram os familiares e se debruçaram sobre ela. Mas mais nenhum som entendível se anunciou.

⁷ O pai não se conformou. Pensou e repensou e elaborou um plano. Levou a filha para onde havia mar e mar depois do mar. Se havia sido a única palavra que ela articulara em toda a sua vida seria, então, no mar que se descortinaria a razão da inabilidade.

⁸ A menina chegou àquela **azulação** e seu peito se definiu. Sentou-se na areia, joelhos interferindo na paisagem. E lágrimas interferindo nos joelhos. O mundo que ela pretendia infinito era, afinal, pequeno? Ali ficou simulando pedra, sem som nem tom. O pai pedia que ela voltasse, era preciso regressarem, o mar subia em ameaça.

⁹ – *Venha, minha filha!*

¹⁰ Mas a miúda estava tão imóvel que nem se dizia parada. Parecia a águia que nem sobe nem desce: simplesmente, se perde do chão. Toda a terra entra no olho da águia. E a retina da ave se converte no mais vasto céu. O pai se admirava, feito tonto: por que razão minha filha me faz recordar a águia?

¹¹ – *Vamos filha! Caso senão as ondas nos vão engolir.* O pai rodopiava em seu redor, se culpando do estado da menina. Dançou, cantou, pulou. Tudo para a distrair. Depois, decidiu as

vias do facto: meteu mãos nas axilas dela e puxou-a. Mas peso tão toneloso jamais se viu. A miúda ganhara raiz, afloração de rocha?

¹² Desistido e cansado, se sentou ao lado dela. Quem sabe cala, quem não sabe fica calado? O mar enchia a noite de silêncios, as ondas pareciam já se enrolar no peito assustado do homem. Foi quando lhe ocorreu: sua filha só podia ser salva por uma história! E logo ali lhe inventou uma, assim:

¹³ Era uma vez uma menina que pediu ao pai que fosse apanhar a lua para ela. O pai meteu-se num barco e remou para longe. Quando chegou à dobra do horizonte pôs-se em bicos de sonhos para alcançar as alturas. Segurou o astro com as duas mãos, com mil cuidados. O planeta era leve como um balão.

¹⁴ Quando ele puxou para arrancar aquele fruto do céu se escutou um **rebentamundo**. A lua se cintilhou em mil estrelinhões. O mar se encripou, o barco se afundou, engolido num abismo. A praia se cobriu de prata, flocos de luar cobriram o areal. A menina se pôs a andar ao contrário de todas as direções, para lá e para além, recolhendo os pedaços lunares. Olhou o horizonte e chamou:

¹⁵ – *Pai!*

¹⁶ Então, se abriu uma fenda funda, a ferida de nascença da própria terra. Dos lábios dessa cicatriz se derramava sangue. A água sangrava? O sangue se aguava? E foi assim. Essa foi uma vez.

¹⁷ Chegando a este ponto, o pai perdeu voz e se calou. A história tinha perdido fio e meada dentro da sua cabeça. Ou seria o frio da água já cobrindo os pés dele, as pernas de sua filha? E ele, em desespero:

¹⁸ – *Agora, é que nunca.*

¹⁹ A menina, nesse repente, se ergueu e avançou por dentro das ondas. O pai a seguiu, **temedroso**. Viu a filha apontar o mar. Então ele vislumbrou, em toda extensão do oceano, uma fenda profunda. O pai se espantou com aquela inesperada fratura, espelho fantástico da história que ele acabara de inventar. Um medo fundo lhe estranhou as entranhas. Seria naquele abismo que eles ambos se escoariam?

²⁰ – *Filha, venha para trás. Se atrase, filha, por favor...*

²¹ Ao invés de recuar a menina se adentrou mais no mar. Depois, parou e passou a mão pela água. A ferida líquida se fechou, instantânea. E o mar se refez, um. A menina voltou atrás, pegou na mão do pai e o conduziu de rumo a casa. No cimo, a lua se recompunha.

²² – *Viu, pai? Eu acabei a sua história!*

²³ E os dois, **iluminados**, se extinguíram no quarto de onde nunca haviam saído.

COUTO, Mia. *Contos do nascer da Terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 89.

Você já viu, lendo um conto do escritor angolano Ondjaki, que o português falado na África tem certas diferenças em relação ao do Brasil, principalmente no léxico. Neste conto de Mia Couto, as diferenças não se devem tanto ao fato de ele ser africano, mas à sua inventividade vocabular.

Exemplo: na palavra *intransmixível*, o autor misturou *intransmissível* (que não se pode transmitir) com parte da palavra *mixar* (misturar), cujo adjetivo correspondente seria *miscível* (misturável). Assim, *intransmixível* significa, ao mesmo tempo: uma linguagem que não se pode transmitir nem misturar.

Explique o significado das seguintes palavras inventadas pelo autor:

1. gostoseou (§ 4)

2. azulação (§ 8)

3. rebentamundo (§ 14)

4. temedroso (§ 19)

Após a leitura do texto, faça o que se pede.

5. Divida o texto em quatro segmentos e dê um título a cada um.

Siga o exemplo do 1º segmento:

1º segmento: do § 1 ao § 6 (ou 7) - A menina que não falava e a aflição do pai.

6. Há duas histórias neste conto e uma delas é um "espelho fantástico da história" que a personagem inventou para a filha. Explique por que a menina diz ao pai que ela acabou a história dele.

7. Leia o parágrafo introdutório de um texto de divulgação científica.

Índios e meio ambiente

Mesmo não sendo “naturalmente ecologistas”, aos povos indígenas se deve reconhecer o crédito histórico de terem manejado os recursos naturais de maneira branda. Souberam aplicar estratégias de uso dos recursos que, mesmo transformando de maneira durável seu ambiente, não alteraram os princípios de funcionamento e nem colocaram em risco as condições de reprodução deste meio.

Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/modos-de-vida/Indios-e-o-meio-ambiente>>. Acesso em: 13 set. 2021.

Ecologista – 1- m. q. ecólogo: aquele que se dedica ao estudo da ecologia; 2- que ou quem se dedica a ou participa de ações ou movimentos conservacionistas ou ambientalistas (*Dicionário Houaiss*).

Nesse texto, explique o que significa ECOLOGISTAS.

Texto I para as questões 08 a 15:

Mecanópolis

¹Lendo em *Erewhon*, de **Samuel Butler**, o que nos disse aquele **erewhoniano** que escreveu o *Livro das máquinas*, conseguindo com ele que quase todas as de seu país fossem expulsas, veio-me à memória o relato da viagem que um amigo meu fez a Mecanópolis, a cidade das máquinas. Quando ele me contou, ainda tremia com a recordação, e tal impressão lhe produziu, que ele logo se retirou por muitos anos para um lugarejo afastado no qual existia o menor número possível de máquinas.

²Vou tratar de reproduzir aqui o relato do meu amigo, e com suas próprias palavras, se possível.

³Chegou um momento em que me vi perdido no meio do deserto; meus companheiros, ou haviam recuado buscando salvar-se, como se soubessem onde estava a salvação, ou haviam perecido de sede e de fadiga. Encontrei-me sozinho e quase agonizando de sede. Pus-me a chupar o sangue

escuro que me brotava dos dedos, pois os tinha em carne viva por ter escavado o solo árido com as mãos nuas, com a louca esperança de trazer à luz alguma água. Quando já me dispunha a deitar no solo e fechar os olhos ao céu, implacavelmente azul, para morrer o quanto antes, e até mesmo a procurar a morte contendo a respiração ou enterrando-me naquela terra terrível, levantei os olhos cansados e me pareceu enxergar algum verdor ao longe. “Será um sonho de **miragem?**”, pensei; mas fui me arrastando. Foram horas de agonia; mas quando cheguei, encontrei-me, de fato, em um oásis. Uma fonte restaurou minhas forças e, depois de beber, comi algumas saborosas e suculentas frutas que as árvores ofertavam livremente. Logo caí no sono.

⁴Não sei quantas horas fiquei a dormir, e se foram horas, dias, meses, ou anos. O que sei é que me levantei outro, inteiramente outro. Os últimos e horrendos padecimentos haviam- -se apagado na memória, ou quase. “Coitados!”, disse a mim mesmo, ao recordar meus companheiros de exploração, mortos na empreitada. Levantei-me, voltei a comer frutas e a beber água, e me dispus a reconhecer o oásis. E foi então que a poucos passos encontrei uma estação férrea completamente deserta. Um trem, também deserto, sem maquinista nem foguista, fumegava. Ocorreu-me subir, por curiosidade, em um de seus vagões. Sentei- -me nele; fechei, não sei por quê, a portinhola, e o trem se pôs em marcha. Experimentei um terror louco e fiquei com vontade de me atirar pela janela. Mas disse a mim mesmo: “Vejam onde ele irá parar”, e me contive.



⁵A velocidade do trem era tal que eu nem podia me dar conta da paisagem circundante. Tive que fechar as janelas. Era uma vertigem horrível. E, quando o trem enfim parou, encontrei-me em uma magnífica estação, muito superior às tantas que aqui conhecemos. Levantei-me e saí.

⁶Desisto de descrever a cidade. Não podemos nem sonhar com tudo o que de magnificência, de suntuosidade, de comodidade e de higiene havia ali se acumulado. Por certo que eu não me dava conta da razão de todo aquele aparato de higiene, pois não se via qualquer ser vivo. Nem homens nem animais. Nenhum cachorro cruzava a rua; nenhuma andorinha, o céu.

⁷Vi em um soberbo edifício um letreiro que dizia *Hotel*, escrito assim, como escrevemos nós, e nele me meti. Estava completamente deserto. Cheguei ao restaurante. Havia nele os mais sólidos alimentos. Uma lista sobre a mesa, e nela cada prato figurava com seu número. A seguir, um vasto painel com botões numerados. Não era preciso mais do que tocar um botão, e surgia do fundo da mesa o prato que se desejava.

⁸Depois de ter comido, saí para a rua. Cruzavam-na bondes e automóveis, todos vazios. Não era preciso mais do que aproximar-se de um, acenar-lhe, que ele parava. Tomei um automóvel e me deixei levar. Fui a um magnífico parque geológico, em que se mostravam os vários tipos de solo, tudo explicado em cartazes. A explicação estava em espanhol, só que com **ortografia fonética**.

Saí do parque, vi que passava um bonde com este letreiro: “Ao Museu de Pintura”, e o tomei. Havia lá todos os originais dos quadros mais famosos. Convenci-me de que aqueles que temos aqui, em nossos museus, não são nada além de reproduções muito hábeis. Ao pé de cada quadro havia uma erudita explicação do seu valor histórico e estético, feita com a mais magnífica sobriedade. Em meia hora de visita ali, aprendi sobre pintura mais do que em doze anos de estudo por aqui. Por uma explicação que li em um cartaz na entrada, vi que em Mecnópolis o Museu de Pintura era considerado parte do Museu Paleontológico. Existia para se estudar os produtos da raça humana que havia povoado aquela terra antes que as máquinas a suplantassem. Parte da cultura paleontológica dos mecanopolitas – e quem seriam? – eram também a sala de música mais as bibliotecas, de que a cidade estava cheia.

⁹Com o que mais devo incomodá-lo? Visitei a grande sala de concertos, onde os instrumentos tocavam sozinhos. Estive no Grande Teatro. Era um **cinema acompanhado de fonógrafo**, mas de tal modo que a ilusão era completa. Mas o que me gelou a alma foi que eu era o único espectador. Onde estavam os mecanopolitas?



¹⁰Quando na manhã seguinte despertei no quarto do meu hotel, encontrei, no criado-mudo, *O Eco de Mecnópolis*, com notícias de todo o mundo recebidas na estação de telégrafo sem fio. Nele, perto do fim, havia a notícia: “Esta tarde chegou à nossa cidade, não sabemos como, um pobre homem dos que ainda restavam por aí. Antecipamos que terá dias ruins”.

¹¹Meus dias, de fato, começaram a se tornar torturantes. E eis que comecei a povoar minha solidão de fantasmas. O mais terrível da solidão é que ela se manifesta aos poucos. Comecei a crer que todas aquelas fábricas, aqueles artefatos eram regidos por almas invisíveis, intangíveis e silenciosas. Acreditava que aquela grande cidade estava povoada de homens como eu, que iam e vinham sem que eu os visse nem os ouvisse, ou tropeçasse neles. Acreditava ser vítima de uma terrível enfermidade, de uma loucura. O mundo invisível com que povoei a solidão humana de Mecnópolis se converteu em um martirizante pesadelo. Comecei a dar vozes, a repreender as máquinas, a suplicar a elas. Cheguei até a cair de joelhos diante de um automóvel, implorando misericórdia. Estive a ponto de me jogar numa caldeira de aço fervente em uma magnífica fundição de ferro.

¹²Certa manhã, ao despertar aterrado, agarrei o jornal para ver o que se passava no mundo dos homens. Deparei-me com esta notícia: “Como prevíamos, o pobre homem que veio dar, não sabemos como, nesta incomparável cidade de Mecnópolis, está enlouquecendo. Seu espírito, cheio de preocupações ancestrais e de superstições a respeito do mundo invisível, não pode fazer frente ao espetáculo do progresso. Temos pena dele”.

¹³Não pude mais resistir a isto de me ver causando pena àqueles misteriosos seres invisíveis, anjos ou demônios – o que dá no mesmo –, que eu acreditava habitarem Mecnópolis. De pronto me assaltou uma ideia terrível, a de que as máquinas tivessem alma, uma alma mecânica, e que eram as máquinas mesmo que se compadeciam de mim. Esta ideia me fez tremer. Acreditei encontrar-me ante a raça que há de dominar a terra desumanizada.

¹⁴Saí como louco e fui achar-me diante do primeiro bonde elétrico que passou. Quando despertei do golpe, encontrava-me no oásis de onde parti. Comecei a andar, cheguei à tenda de uns beduínos e, ao me encontrar com eles, abracei-os chorando. Que bom que nos entendíamos, ainda que sem nos entendermos! Deram-me de comer, agasalharam-me. À noite saí com eles e, estendidos no solo, mirando o céu estrelado, oramos juntos. Não havia máquina alguma ao nosso redor.

¹⁵Desde então concebi um verdadeiro ódio a isso que chamamos progresso, e até à cultura, e ando em busca de um rincão onde encontre um semelhante, um homem como eu, que chore e ria como eu rio e choro, e onde não haja uma única máquina e os dias fluam com a doce mansidão cristalina de um riacho perdido no bosque virgem.

UNAMUNO, Miguel de. Trad. de Carlos Angelo e Roberto de Sousa Causo. *In: CARNEIRO, André et al. Histórias de ficção científica*. São Paulo: Ática, 2005. p. 51-56.

ortografia fonética: grafia com alfabeto fonético (sistema convencional de signos para representar graficamente os sons das línguas com valor universal, podendo ser compreendido por falante de qualquer língua).

cinema acompanhado de fonógrafo: o conto foi escrito em 1913, quando existiam apenas filmes mudos; a projeção desses filmes era acompanhada por música.

fonógrafo: primeiro aparelho de gravação de sons, inventado em 1877 por Thomas Edison.

Sobre o conto “Mecnópolis”:

8. Explique o foco narrativo.

9. O foco narrativo escolhido pelo autor contribui para a criação de suspense? Por quê?

10. Qual é a reflexão que você pode fazer sobre o texto Mecnópolis?

11. Qual é a relação existente entre as imagens e o texto? Explique isso.

12. Por que o texto se chama Macanópolis?

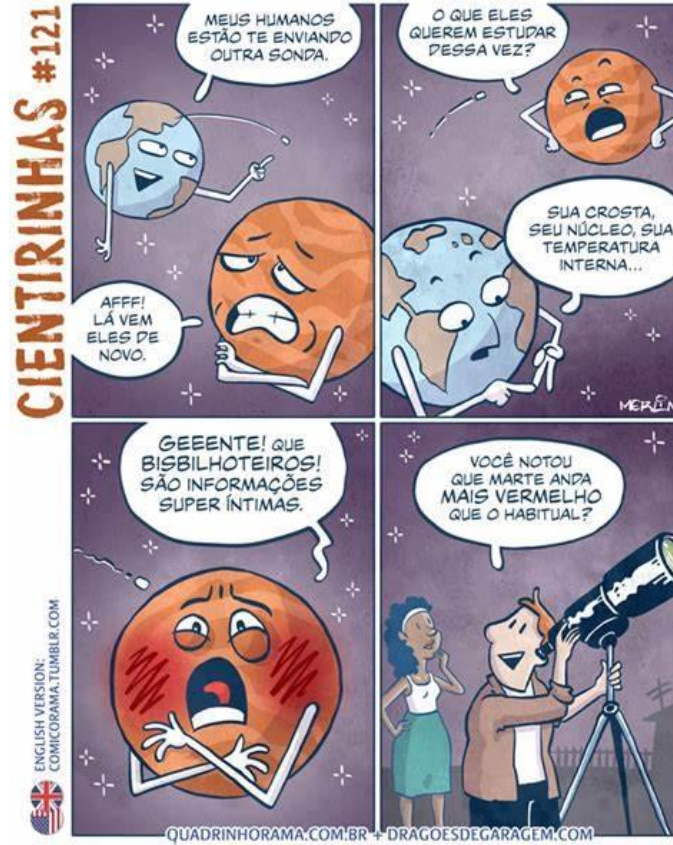
13. O trecho a seguir, extraído do conto “Mecanópolis”, é narrado em 1ª pessoa. Anote no próprio texto as alterações necessárias para que o narrador seja de 3ª pessoa. Depois, leia em voz alta sua resposta.

Não sei quantas horas fiquei a dormir, e se foram horas, dias, meses ou anos. O que sei é que me levantei outro, inteiramente outro. Os últimos e horrendos padecimentos haviam-se apagado na memória, ou quase. “Coitados!”, disse a mim mesmo, ao recordar meus companheiros de exploração, mortos na empreitada. Levantei-me, voltei a comer frutas e a beber água, e me dispus a reconhecer o oásis.

14. Ao ler o primeiro parágrafo, o que você deve supor sobre a cidade de Mecanópolis?

15. Crie um novo primeiro parágrafo para o texto Mecanópolis, fazendo a descrição da cidade:

16. Explique a ideia central da tirinha a seguir:



17. Explique a importância das cientirinhas.

18. Leia:



Por que o personagem disse “Eu ando tão estressada que tô ficando careca.”?

19. Leia:

A luta com as palavras

Os cantadores sertanejos atravessam grandes distâncias, movidos pelo prazer do enfrentamento. Quando tem início a peleja, ou o desafio, cada um, viola em punho, **improvisa** seus versos a fim de derrotar o outro. Um duelo poético surpreende e encanta o público, que acompanha atentamente a disputa. Nessa “luta”, as armas que valem são a imaginação, a rapidez do pensamento e a habilidade com a palavra.

O desafio começa com cada um dos cantadores puxando a brasa para a sua sardinha. Fazem na apresentação, o **auto-elogio**, contando seus feitos e bravatas, e criticando o adversário. O tom jocoso (de alegre gozação) é muito usado, divertindo aos que assistem à disputa. Depois, os poetas **louvam** as pessoas presentes: a dona da casa, as suas filhas, etc. É só um aquecimento para a peleja, que prossegue cada vez mais **acirrada**, até a derrota de um dos participantes.

Um dos truques para atrapalhar o outro é, lá pelo meio da cantoria, mudar a forma da poesia, que costuma ir da mais comum, a sextilha (com estrofes de seis versos e sete sílabas), até o “martelo agalopado” (dez versos de dez sílabas). O improviso corre solto e os desafios podem durar horas, até noites inteiras.

De acordo com o texto, o que é "peleja sertaneja"?

Texto para a questão 20: Uma vela para Dario

1 Dario vem apressado, guarda-chuva no braço esquerdo. Assim que dobra a esquina, diminui o passo até parar, encosta-se a uma parede. Por ela escorrega, senta-se na calçada, ainda úmida de chuva. Descansa na pedra o cachimbo.

2 Dois ou três passantes à sua volta indagam se não está bem. Dario abre a boca, move os lábios, não se ouve resposta. O senhor gordo, de branco, diz que deve sofrer de ataque.

3 Ele reclina-se mais um pouco, estendido na calçada, e o cachimbo apagou. O rapaz de bigode pede aos outros que se afastem e o deixem respirar. Abre-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe tiram os sapatos, Dario rouqueja feio, bolhas de espuma surgem no canto da boca.

4 Cada pessoa que chega ergue-se na ponta dos pés, não o pode ver. Os moradores da rua conversam de uma porta à outra, as crianças de pijama acodem à janela. O senhor gordo repete que Dario sentou-se na calçada, soprando a fumaça do cachimbo, encostava o guarda-chuva na parede. Mas não se vê guarda-chuva ou cachimbo a seu lado.

5 A velhinha de cabeça grisalha grita que ele está morrendo. Um grupo o arrasta para o táxi da esquina. Já no carro a metade do corpo, protesta o motorista: quem pagará a corrida? Concordam chamar a ambulância. Dario conduzido de volta e recostado à parede – não tem os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata.

6 Alguém informa da farmácia na outra rua. Não carregam Dario além da esquina; a farmácia no fim do quarteirão e, além do mais, muito pesado. É largado na porta de uma peixaria. Enxame de moscas lhe cobrem o rosto, sem que faça um gesto para espantá-las.

7 Ocupado o café próximo pelas pessoas que apreciam o incidente e, agora, comendo e bebendo, gozam as delícias da noite. Dario em sossego e torto no degrau da peixaria, sem o relógio de pulso.

8 Um terceiro sugere lhe examinem os papéis, retirados – com vários objetos – de seus bolsos e alinhados sobre a camisa branca. Ficam sabendo do nome, idade, sinal de nascença. O endereço na carteira é de outra cidade.

9 Registra-se correria de uns duzentos curiosos que, a essa hora, ocupam toda a rua e as calçadas: é a polícia. O carro negro investe a multidão. Várias pessoas tropeçam no corpo de Dario, pisoteado dezessete vezes.

10 O guarda aproxima-se do cadáver, não pode identificá-lo – os bolsos vazios. Resta na mão esquerda a aliança de ouro, que ele próprio – quando vivo – só destacava molhando no sabonete. A polícia decide chamar o rabeção.

11 A última boca repete – *Ele morreu, ele morreu*. A gente começa a se dispersar, Dario levou duas horas para morrer, ninguém acreditava estivesse no fim. Agora, aos que alcançam vê-lo, todo o ar de um defunto.

12 Um senhor piedoso dobra o paletó de Dario para lhe apoiar a cabeça. Cruza as suas mãos no peito. Não consegue fechar olhos nem boca, onde a espuma sumiu. Apenas um homem morto e a multidão se espalha, as mesas do café ficam vazias. Na janela alguns moradores com almofadas para descansar os cotovelos.

13 Um menino de cor e descalço vem com uma vela, que acende ao lado do cadáver. Parece morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva.

14 Fecham-se uma a uma as janelas. Três horas depois, lá está Dario à espera do rabeção. A cabeça agora na pedra, sem o paletó. E o dedo sem a aliança. O toco de vela apaga-se às primeiras gotas da chuva, que volta a cair.

TREVISAN, Dalton. *In: Vozes do retrato: contos*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2005. p. 25-26.



Escreva uma pequena interpretação do conto acima.
